KEN WILBER

Introdução do Volume 2 de *Collected Works*

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

Este volume contém as principais publicações do período de meu trabalho que chamei de Fase 2.[1] A Fase 1 foi a romântica, marcada por uma crença geral de que o estado inicial dos humanos – tanto ontogeneticamente na criança quanto filogeneticamente nos humanos primitivos – seria uma espécie de sono no paraíso, no Éden, em um estado unificado ou essência do ser, do qual teríamos nos alienado no processo de crescimento e ao qual, portanto, necessitaríamos retornar: o "paraíso" original, de alguma forma, deveria ser recapturado para nossa salvação. As dificuldades insuperáveis dessa visão – amplamente discutidas nas páginas seguintes – levaram-me a abandonar um Romantismo puro e trocá-lo por uma visão mais evolucionária ou desenvolvimental (Fase 2), que substitui um modelo de "bondade recuperada" por uma postura de "crescimento para a bondade". Na Fase 3, eu refinaria ainda mais a visão desenvolvimental para incluir níveis e linhas (ou ondas e correntes) de desenvolvimento, e na Fase 4 eu veria o desenvolvimento definido no contexto de quatro domínios principais (os quatro quadrantes de desdobramento intencional, comportamental, social e cultural). O principal ponto de inflexão em meu desenvolvimento intelectual ocorreu ao passar da Fase 1 para a Fase 2 – romântica para evolucionária. Este volume narra esse crescimento.

Isto não quer dizer que, sendo da Fase 2, essas publicações agora estejam desatualizadas. Na verdade, muito (ou mesmo a maior parte) do que se segue é material que ainda considero basicamente sólido em suas

---

[1] Contém o ensaio "Odissey" ["Odisseia"], 1982 e os livros *The Atman Project* [*O Projeto Atman*], 1980 e *Up from Eden*. [*Éden: Queda ou Ascensão?*], 1981. Uma observação quanto às obras do Wilber citadas no texto: mantive o título em Inglês e, quando já traduzidas, coloquei o título em Português entre colchetes na primeira citação. (N.T.)

conclusões gerais, e que forma vários blocos de construção cruciais para meu trabalho subsequente. *The Atman Project* foi o primeiro importante sistema psicológico a sugerir um mapa coerente e detalhado da consciência humana que incluía a maioria das principais escolas da psicologia ocidental e do misticismo oriental. Ele delineou dezessete níveis (ou ondas) de desenvolvimento da consciência, levando da matéria ao corpo, à mente, à alma e ao espírito. Esses dezessete estágios são aqueles que ainda considero as unidades básicas (ou hólons) da evolução da consciência, embora eu continue a refinar suas definições e correlações reais com outros pesquisadores (ver, por exemplo, *Integral* Psychology [*Psicologia Integral*], incluído no volume 4). E *Up from Eden* permanece, em minha opinião, um esboço bastante válido das principais ondas de evolução cultural ou visões de mundo, embora, como em *The Atman Project*, eu continue a refinar seus pontos.

A transição da Fase 1 para a Fase 2 (romântica para desenvolvimental) foi uma passagem intelectual extraordinariamente difícil e vale a pena estudá-la, não pela angústia pessoal por que passei, mas pelas questões teóricas extremamente importantes e delicadas envolvidas. Não acredito que a criança começa a vida imersa em um paraíso perfeito, mas acredito que a maioria das pessoas começa a pensar no Espírito em termos muito românticos: não algo que possuímos *agora* na eternidade atemporal, embora nos recusemos a ver, mas algo que possuíamos ontem no tempo e que precisamos regredir para recuperar. Este volume abre com o ensaio "Odisseia",[2] um texto autobiográfico (o único que fiz), escrito em 1980 [mas publicado em 1982], que detalha essa transição (da Fase 1 para Fase 2). Ele é também uma exploração desse tema retrorromântico e seu número surpreendentemente grande de variantes, e aponta para o simples fato de que, uma vez que você embarque no Expresso da Regressão, é extremamente difícil desembarcar dele.

Isto não significa que a infância não tenha acesso a nenhum tipo de consciência espiritual. Essa nunca foi minha posição, embora muitos críticos ainda presumam que seja. Em *The Atman Project* descrevo os vários domínios do bardo (ou os domínios entre a morte e o renascimento), os quais – de acordo com a maioria das formas de Hinduísmo, Budismo, Taoísmo, Cristianismo primitivo e muitas formas de Misticismo judaico e

[2] Publicado em https://www.ariraynsford.com.br/indice.html. (N.T.)

islâmico – cada alma atravessa em sua jornada para a realização do Eu. A questão é que o bebê pode, de fato, chegar "trilhando nuvens de glória", como disse Wordsworth, e essas trilhas espirituais estão frequentemente presentes, como algumas evidências sugerem, nos períodos pré-natal, perinatal, neonatal, primeira infância e meninice, embora quase sempre sejam suprimidas quando o desenvolvimento egoico (ou frontal) começa. Até mesmo o bebê – e todos os seres humanos, do homem primitivo ao adulto moderno – têm acesso aos três domínios principais do corpo denso (vigília), alma sutil (sonho) e espírito causal (sono), pela simples razão de que todos eles ficam acordados, sonham e dormem profundamente. Eu ressaltei isto em *The Atman Project* e em *Up from Eden*, e, portanto, nunca neguei consciência espiritual de um tipo ou de outro a qualquer estágio do desenvolvimento humano.

Não obstante, passei um tempo considerável da Fase 2 atacando a noção meramente romântica de que a infância é basicamente uma imersão no paraíso original e o estado arcaico do alvorecer nada mais que o Éden. Eu indiquei que muito da exaltação da consciência da aurora humana e da infância baseia-se na "falácia pré/trans", a confusão entre estados pré-racionais e transracionais, simplesmente porque ambos são não racionais. Muito (mas não tudo) da agenda romântica é devido a uma confusão colossal entre pré e trans, com o resultado de que alguns dos estados de ser mais escandalosamente pré-pessoais, pré-verbais e pré-racionais são elevados à glória transpessoal, transverbal e transracional. Desse modo, em vez de avançar para um amanhã transpessoal, os Românticos recomendam a retomada de um passado pré-pessoal.

Por me deter nos muitos pontos do estado arcaico e da infância que são de fato pré-pessoais, ganhei a reputação (injusta, mas talvez compreensível) de negar a possibilidade de qualquer tipo de espiritualidade arcaica ou infantil, o que, como já disse , é totalmente falso.[3] Ainda assim, nesta era de narcisismo desenfreado, os perigos de elevar os impulsos pré-racionais à liberação transracional superam em muito qualquer ceticismo sobre a glória da criança de dois anos e, embora o que desejemos idealmente seja uma avaliação criteriosa de cada um, errar por ceticismo costuma ser a jogada mais sábia.

---

[3] Para uma discussão mais aprofundada desse tema, ver *Integral Psychology* e *One Taste*.

Uma vez que *The Atman Project* e *Up from Eden* usam os termos "estrutura de consciência" e "estruturalismo", alguns críticos se perguntaram que relação minhas ideias tinham com os estruturalistas, que na época estavam em ascensão em muitos estudos culturais (embora o pós-estruturalismo, desde maio de 1968, tenha erguido cada vez mais sua cabeça voraz). A resposta é: o movimento conhecido como "estruturalismo" – associado a nomes como Lévi-Strauss, Barthes, Foucault, Lacan, aspectos de Chomsky – foi uma influência importante, mas não esmagadora. Foi apenas uma das várias vertentes de estudos culturais que eu estava tentando integrar, e continua sendo importante sob esse ponto. Mas a maioria dos estruturalistas – linguísticos, culturais, matemáticos e psicológicos – trabalhava com estruturas que acreditavam ser a-históricas (ou sincrônicas), enquanto eu também queria incluir aqueles aspectos que eram desenvolvimentais ou históricos (diacrônicos). Da mesma forma, a maioria dos estruturalistas acreditava que as estruturas eram dados *a priori* de algum tipo (kantiano, platônico, hegeliano ou husserliano), mas eu acreditava que as estruturas *a priori* eram, na verdade, resultado da história evolutiva prévia; porém, uma vez estabelecidas como um hábito desenvolvimental, passavam a ser, basicamente, *a priori* para o desenvolvimento subsequente. E, finalmente, a maioria dos estruturalistas achava que as estruturas eram unidades autônomas, ao passo que eu acreditava que elas também dependiam de processos de trocas relacionais. Por todas essas razões, eu nunca poderia ser chamado de estruturalista em um sentido estrito, embora tentasse integrar as contribuições duradouras do estruturalismo.

Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson podem ser chamados de "protoestruturalistas", e eu os considero absolutamente brilhantes (continuo a adotar muitos de seus *insights* pioneiros). Do Foucault inicial, apreciei a importância das visões de mundo culturalmente construídas (embora, comparado a Gebser, Foucault seja uma sopa rala). De Lacan, o fato de pelo menos parte do inconsciente apresentar estrutura linguística, e de Barthes, certas técnicas de jogar com esse fato. Chomsky nos lembrou que aspectos da linguagem são universais e aparentemente inatos, e que a linguagem em si é um fenômeno que o behaviorismo não consegue nem começar a explicar.

Mas, de todos os estruturalistas, achei Piaget o mais importante. Seu sistema, como um sistema, está agora eclipsado por visões mais integrais

(ver *The Eye of Spirit* [*O Olho do Espírito*] para uma discussão sobre isso), mas muitos de seus pontos são tão válidos hoje quanto foram quando ele os apresentou pela primeira vez. Em particular, seu uso da palavra "estrutura", embora utilizada em muitas correntes importantes de pensamento da época, foi bastante original e altamente influente. A maioria dos críticos que conheço, que não gosta do "estruturalismo", diz que ele é muito rígido, muito fixo e também... muito *estruturado* para seus gostos. Eles preferem processos mais holísticos, padronizados, auto-organizados e dinâmicos... aparentemente inconscientes do fato de que é exatamente assim que Piaget definiu o termo "estrutura". Em uma época em que todo mundo logo queria desconstruir algo, a própria palavra "estruturalismo" clamava por ser atacada, como um estudante rebelde rabiscou em uma parede nas ruas de uma Paris em chamas: "Abaixo o Estruturalismo!".

Em seu livro *Structuralism* [*O Estruturalismo*], Piaget ressalta que "estrutura" significa simplesmente um padrão holístico auto-organizador. Todas as escolas do estruturalismo, observa ele, partem da totalidade: "Para os matemáticos, o estruturalismo se opõe à compartimentalização, a qual neutraliza ao recuperar a unidade por meio de isomorfismos. Para várias gerações de linguistas, o estruturalismo é, principalmente, um afastamento do estudo diacrônico de fenômenos linguísticos isolados... e uma virada para a investigação de sistemas de linguagem unificados que funcionam sincronicamente. Na psicologia, o estruturalismo há muito combate a tendência atomística de reduzir totalidades a seus elementos prévios."

Mais precisamente, de acordo com Piaget, "a noção de estrutura é composta por três ideias-chave: a ideia de totalidade, a ideia de transformação e a ideia de autorregulação." Ele continua:

> Quase nem é preciso dizer, essa totalidade é uma marca definidora das estruturas, uma vez que todos os estruturalistas – matemáticos, linguistas, psicólogos ou o que quer que seja – estão de acordo em reconhecer como fundamental o contraste entre estruturas e agregados, sendo as primeiras totalidades e os últimos compostos formados de elementos. ... Além disso, as leis que governam a composição de uma estrutura não são redutíveis à

> associação cumulativa de seus elementos um a um: elas conferem ao todo, como tal, propriedades globais distintas das propriedades de seus elementos. ... A terceira propriedade básica das estruturas é que elas se autorregulam, autorregulação que implica em automanutenção e encerramento.

Em suma, as estruturas – sejam linguísticas, psicológicas, matemáticas, biológicas, sociológicas – são simplesmente padrões holísticos autorreguladores. Usando meus termos, "estrutura", em geral, é sinônimo de "hólon"; porém, mais especificamente, significa a *ação* ou autopoiese do hólon, o padrão ou código profundo de auto-organização que governa sua transcrição e translação (ver *Sex, Ecology, Spirituality* [*Sexo, Ecologia, Espiritualidade*]). O conceito de autopoiese de Francisco Varela deve muito às estruturas de Piaget. Piaget até mesmo reconheceu a natureza todo/parte (ou holônica) de estruturas dentro de estruturas; eu o cito: "É nesse sentido que uma estrutura é 'fechada', noção perfeitamente compatível com a estrutura ser considerada uma subestrutura de outra maior [um todo que faz parte de um todo maior]; mas, ao ser tratada como uma subestrutura, a estrutura não perde suas próprias fronteiras; a estrutura maior não "anexa" a subestrutura; se algo, temos uma confederação, de modo que as leis da subestrutura não são alteradas, mas conservadas, e a mudança interveniente é um enriquecimento em vez de um empobrecimento." Como eu diria, desenvolvimento é envolvimento, com cada hólon sênior transcendendo, mas incluindo seus juniores, de modo que cada desdobramento sucessivo é de fato um enriquecimento, não um empobrecimento.

Ao contrário da maioria dos estruturalistas, Piaget acreditava que as estruturas passavam por desenvolvimento – que as estruturas eram construídas.[4] Ele então tentou integrar sincrônico (dado) com diacrônico

[4] Eu ainda uso os principais estágios cognitivos de Piaget (sensório-motor, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal) de uma forma muito geral, mas apenas para a linha de desenvolvimento cognitiva, e somente para a metade inferior do espectro da consciência (além do operacional formal estão a visão-lógica centáurica, a visão psíquica, o arquétipo sutil, a gnose causal e o sahaja não dual). O principal erro de julgamento de Piaget, a maioria dos críticos agora concorda, foi tentar incluir todas as linhas de desenvolvimento dentro da linha cognitiva, o que simplesmente não permite perceber o fato empírico de que linhas diferentes mostram diferenças, às vezes pronunciadas, na taxa de desenvolvimento e na dinâmica de desdobramento (ver

(desenvolvido), um intento integrativo que eu compartilhei. Eu acabaria por acreditar que a maioria das características profundas (ou códigos de autorregulação) dos hólons (em todos os domínios) não foram dados a-historicamente, mas sim estabelecidos no próprio processo de evolução e desenvolvimento. No entanto, uma vez estabelecidos como memória evolutiva, eles tendem a se tornar hábitos fixos (ou estruturas *a priori*) em seus domínios de desenvolvimento, agindo como pontos ômega teleonômicos para todos os futuros membros da classe, razão pela qual, em termos muito gerais, a ontogenia recapitula a filogenia. Não obstante, mesmo quando as características profundas de um hólon aparecem como formas *a priori*, as características superficiais *continuam a ser socialmente moldadas, historicamente modeladas e, em geral, culturalmente relativas.* Portanto, nenhuma parte de um hólon – seja profunda ou superficial – fica completamente livre das mãos modeladoras do tempo, da história e da evolução (exceto, é claro, o Atemporal propriamente dito).

Assim, eu me referiria (e ainda me refiro) à "organização estrutural e troca relacional" de um hólon. *Organização estrutural* significa a ação definidora, as características profundas, os padrões específicos de autopoiese de qualquer hólon auto-organizador. *Troca relacional* refere-se ao fato de que todos os hólons possuem não apenas ação autônoma ou padrões autorreguladores isolados, mas também existem em redes de comunhão, relacionamento e incrustação. As características profundas podem ser relativamente autônomas (e, portanto, autorreguláveis), mas as características superficiais consistem em padrões de troca relacional com o ambiente circundante, uma troca da qual todo hólon depende para sua existência. Desse modo, todos os hólons são autorregulados, mas não autossuficientes, porque todos os hólons são sempre ação-em-comunhão (ou coerência-em-correspondência, ou ser-no-mundo). Nem ação nem comunhão, nem autonomia, nem relacionamento, nem coerência nem correspondência, nem *a priori* nem *a posteriori* são suficientes, sozinhos, para definir um hólon.

Integral Psychology). Mas o brilhantismo de Piaget em investigar clinicamente – e formular teoricamente, seguindo um esquema hegeliano/kantiano – o desenvolvimento de visões de mundo de cognição, senso moral, construção de espaço e tempo, níveis de autopercepção e assim por diante – tudo dentro de um paradigma amplamente auto-organizador, desenvolvimental/evolucionário, construtivista, holístico, não reducionista – foi uma contribuição monumental.

Neste volume, costumo falar de "estruturas profundas" e "estruturas superficiais" para essas duas características dos hólons, mas essa foi talvez uma escolha infeliz de termos, porque eles também estavam sendo usados na época por Chomsky, com significados diferentes. O próprio Chomsky abandonou esses termos, assim como eu. Agora me refiro a "características profundas" e "características superficiais" – ou as características relativamente autônomas, universais e duradouras de qualquer hólon e as características contingentes, condicionadas, culturalmente relativas de qualquer hólon, respectivamente. Mas por quaisquer nomes, ambas as características são profundamente importantes.

Alguns pontos específicos de cada livro. A terminologia das estruturas ou níveis de consciência básicos dada em *The Atman Project* reflete minhas tentativas iniciais de integrar uma vasta gama de sistemas psicológicos e espirituais conflitantes. Em livros subsequentes, continuaria a refinar os níveis. Em alguns casos, as datas de emergência foram ajustadas para condizer com as evidências mais recentes (este também é o caso de *Up from Eden*). Isso é especialmente verdadeiro para os estágios iniciais (do nascimento ao operacional concreto, ou do arcaico ao mítico – tanto ontogenética quanto filogeneticamente). Ontogeneticamente, por exemplo, o "eu associativo", embora comece por volta dos 4 anos, conforme indicado em *The Atman Project*, não se solidifica de fato até a mente regra/papel (de 7 a 12 anos), de modo que, em obras subsequentes (começando já em *Up from Eden*), apliquei os termos "associação" e "associação mítica" para esse período posterior. Os dezessete estágios ainda são basicamente os mesmos; usei simplesmente alguns termos ligeiramente diferentes e ajustei as datas típicas de emergência. (Nem há nada sagrado sobre o número dezessete – esses níveis podem ser subdivididos ou, alternativamente, combinados de várias maneiras válidas.) Para esses refinamentos, é claro, o leitor é instado a consultar livros como *Integral Psychology*, mas o esboço geral das estruturas básicas ainda é o dado em *The Atman Project*.

Para os diversos significados conflitantes e distorcidos de Eros, Tânatos, Ágape e Fobos – e meu próprio uso variável desses termos – remeto o leitor para uma nota de rodapé.[5]

[5] Aqui há um pesadelo semântico: em *Eye to Eye* e *Sex, Ecology, Spirituality,* descrevo as várias formas como as palavras "Eros", "Tânatos", "Vida" e "Morte" foram usadas por

O que me leva à próxima grande mudança na teorização subsequente: a passagem da Fase 2 para a Fase 3. Em *The Atman Project*, apresentei os dezessete níveis (que são basicamente uma subdivisão de matéria, corpo, mente, alma e espírito), mas não consegui articular o fato

---

teorizadores, de Platão a Freud. Concluo que tanto "Vida" quanto "Morte" têm dois significados muito diferentes: que podemos chamar de "vertical" (transformativo) e "horizontal" (translativo). *Vida vertical* é uma busca por uma unidade mais elevada e mais ampla, um alcance do superior pelo inferior, enquanto *vida horizontal* é um apego ao estado atual de vida e unidade, uma pulsão de autopreservação em qualquer nível. *Morte vertical* é uma dissolução regressiva, uma descensão na holarquia do ser, terminando em matéria sem vida e decadência; enquanto *morte horizontal* é um tipo de "desapego" das fixações no nível atual para, em última análise, transformar-se em um nível totalmente diferente (para cima, em crescimento, ou para baixo, em regressão). Em outras palavras, *existem quatro "pulsões" ou "forças" principais aqui*: vida vertical (para cima, para níveis mais elevados), vida horizontal (apego ao nível atual), morte horizontal (abandono do nível atual) e morte vertical (descensão a níveis mais baixos até, finalmente, à matéria sem vida). Essas quatro pulsões são muito reais (na verdade, são simplesmente as quatro capacidades de cada hólon), mas "Eros" e "Tânatos" têm sido usados, historicamente, de maneiras completamente diferentes ao se referir a essas pulsões, e isso se constitui, como disse, em um bocado de confusão semântica.

Tanto em *The Atman Project* quanto em *Up from Eden*, usei o termo "Eros" para significar vida horizontal (ou tentativa de preservar o estado atual de alguém), e Tânatos para significar morte horizontal (ou desapego do estado atual). Vida vertical (ou transformação para cima) chamei de telos de Atman, e morte vertical (ou regressão) chamei de contração ou restrição de Atman. Uma das conclusões centrais foi que, quando Tânatos excede Eros – quando a morte de um nível excede a vida daquele nível – então a translação falha e ocorre a transformação. Portanto, a transformação para cima (ou evolução) requer que Tânatos (ou a morte do nível atual) seja aceita, para que a consciência possa se elevar a níveis superiores e mais abrangentes. Vida superior, em outras palavras, requer a aceitação da morte em cada estágio de desenvolvimento, e a negação da morte significa a negação do crescimento e da transcendência.

Acredito que esses conceitos ainda sejam bastante válidos, mas agora uso termos diferentes para descrever ideias idênticas. Há algum tempo, descobri que é mais apropriado usar "Eros" e "Tânatos" para se referir à dimensão vertical da Vida e da Morte (evolução para cima versus dissolução para baixo), e não para a dimensão horizontal, como fiz em *The Atman Project* e em *Up from Eden*. Vida horizontal passou a ser ação e autopreservação, e morte horizontal, autonegação, adaptação e comunhão. (E, como explicado em *Sex, Ecology, Spirituality*, "Ágape" agora se refere ao abraço descendente, que, quando desconectado de Eros, produz Tânatos; e "Fobos" refere-se à desconexão equivalente, mas oposta, de Eros a partir de Ágape.) Todas as conclusões permanecem as mesmas; simplesmente, troquei os termos. Isso é totalmente explicado em *Eye to Eye* e *Sex, Ecology, Spirituality*; para as páginas seguintes, basta perceber que "Eros" e "Tânatos" estão sendo usados no sentido horizontal, e que, no mínimo, fui sincero quando disse que isto era um pesadelo semântico.

de que diferentes linhas de desenvolvimento (como cognitiva, moral, artística, interpessoal, afetiva, etc.) desenvolvem-se de uma forma relativamente independente pelos dezessete níveis. Assim, uma pessoa pode estar em um nível relativamente elevado de desenvolvimento cognitivo, em um nível médio de desenvolvimento interpessoal e em um nível baixo de desenvolvimento moral. Em outras palavras, o desenvolvimento não é como uma escada concreta, mas consiste em numerosas linhas (ou correntes) independentes, que progridem através dos dezessete níveis (ou ondas) de consciência básicos. Na maioria das obras subsequentes, eu simplesmente usaria nove ou dez estruturas ou ondas de consciência básicas, através das quais cerca de duas dúzias de diferentes linhas ou correntes de desenvolvimento mover-se-iam de forma relativamente independente. Esse *insight* – níveis e linhas, ou ondas e correntes – marcaria a transição da Fase 2 para a Fase 3, representada em livros como *Transformations of Consciousness* [*Transformações da Consciência*] e *O Olho do Espírito*. Mas, novamente, os níveis básicos foram apresentados em *The Atman Project*, e é por isso que ele continua sendo uma base fecunda.

Em *Up from Eden*, concentrei-me na evolução da consciência cultural ou visões de mundo (o que mais tarde chamaria de Quadrante Inferior Esquerdo, ou consciência intersubjetiva, assim como *The Atman Project* focalizou o Quadrante Superior Esquerdo, ou consciência subjetiva). Em *Up from Eden*, dividi a evolução da consciência em duas correntes principais, o modo médio e o modo mais avançado (ou de vanguarda). Devo enfatizar que o modo médio é apenas isso: uma média, com qualquer indivíduo sendo capaz de estar acima ou abaixo da média do grupo. Assim, na era mágico-tifônica, alguns indivíduos desenvolveram capacidades míticas, mentais e até psíquicas (argumento que os últimos foram os xamãs), mas quanto mais elevado o nível de consciência, mais raro era, com o xamã sendo o mais evoluído – e, portanto, o mais raro. Alguns críticos imaginaram que, em uma cultura mágico-tifônica, nenhuma das estruturas míticas ou mentais existia em ninguém, portanto um xamã, acessando o psíquico, estaria de fato pulando estágios. Todas essas dificuldades podem ser evitadas, lembrando que o modo médio é simplesmente uma média.

Além disso, deve-se notar que os domínios transpessoais mais elevados (como o sutil e o causal) podem existir tanto como estados temporários quanto como características permanentes (ou estruturas), e

estados temporários de consciência transpessoal – como estados alterados ou uma experiência de pico – podem acontecer com praticamente qualquer pessoa, em praticamente qualquer estágio de desenvolvimento.[6] Assim, certos indivíduos em tempos tifônicos (caça e coleta) – como um xamã – acessavam estados transpessoais temporários, independentemente do estágio de seu próprio desenvolvimento ou de sua cultura. Qualquer uma ou ambas as explicações (o modo médio permite que alguns indivíduos possuam características ou estruturas avançadas, e estados temporários podem ser acessados independentemente) são suficientes para explicar os xamãs, santos e sábios experienciando, sucessivamente, domínios superiores do superconsciente, mesmo quando seus irmãos estavam, em grande parte, confinados à consciência do modo médio.

Desse modo, em *Up from Eden*, também foquei a diferenciação entre o modo médio ou de símbolos religiosos *exotéricos* (decorrentes dos níveis mágico, mítico ou mental) e o modo avançado ou de símbolos religiosos *esotéricos* (decorrentes dos níveis psíquico, sutil ou causal). Em particular, concentrei-me na diferença entre a Grande Mãe (originada principalmente nas estruturas pré-pessoais) e a Grande Deusa (originada basicamente nas transpessoais). Da mesma forma, entre Deus Pai como uma figura parental mítica (pré-pessoal) e Purusha ou Consciência (transpessoal).

Na minha opinião, esses *insights* ainda são bastante válidos, mas eu simplesmente acrescentaria, como fiz em uma nota de rodapé do texto original, que existem outros significados igualmente importantes das Faces Feminina e Masculina do Espírito. Como explicado em *Sex, Ecology, Spirituality* e em *A Brief History of Everything* [*Uma Breve História do Universo*], o significado mais abrangente de "Deus" e "Deusa" é simplesmente como Ascensão e Descensão, Eros e Ágape, sabedoria e compaixão, consciência (purusha) e manifestação (prakriti), transcendência e imanência. Nem Deus nem Deusa são mais importantes, mais elevados, mais profundos ou melhores. Em vez disso, cada um cobre metade do ciclo eterno de refluxo e efluxo, alcançando sabedoria mais elevada e compaixão mais profunda, Eros e Ágape da brincadeira do Espírito no mundo.

---

[6] Para uma discussão sobre a diferença entre estados e estruturas, ver *A Sociable God* [*Um Deus Social*]; "Paths beyond Ego in the Coming Decade" (em Walsh e Vaughan *Beyond Ego*); *Sex, Ecology, Spirituality*, cap. 14, nota 17; e *Integral Psychology*.

Tanto *The Atman Project* quanto *Up from Eden* discutem longamente a evolução, com uma breve, mas importante visão geral da involução. De acordo com a filosofia perene – o núcleo comum das grandes tradições de sabedoria do mundo – o Espírito manifesta um universo "transbordando-se" ou "esvaziando-se" para criar alma, que se condensa em mente, que se condensa em corpo, que se condensa em matéria, a forma mais densa de todas. Cada um desses níveis ainda é um nível de Espírito, mas uma versão reduzida ou "um degrau abaixo" do Espírito. No final desse processo de *involução*, todas as dimensões superiores estão incluídas, como potenciais, no domínio material mais baixo. E uma vez que o mundo material passa a existir (com, digamos, o Big Bang), então o processo reverso – ou *evolução* – consegue ocorrer, movendo-se da matéria para corpos vivos, para mentes simbólicas, para almas luminosas, até o Espírito puro propriamente dito. Nesse desdobramento desenvolvimental ou evolucionário, cada nível sucessivo não descarta ou nega o nível anterior, mas o inclui e o envolve, assim como átomos estão incluídos em moléculas, que estão incluídas em células, que estão incluídas em organismos. Cada nível é um todo que também faz parte de um todo maior (cada nível ou estrutura é um todo/parte ou hólon). Em outras palavras, cada desdobramento evolucionário transcende, mas inclui seu(s) predecessor(es), com o Espírito transcendendo e incluindo absolutamente tudo.

Esse arranjo – o Espírito transcende, mas inclui a alma, que transcende, mas inclui a mente, que transcende, mas inclui o corpo, que transcende, mas inclui a matéria – é frequentemente denominado a Grande Cadeia do Ser, mas esta é claramente uma denominação imprópria e muito infeliz. Cada nível sucessivo não é um elo, mas um ninho, que inclui, abraça e envolve seu(s) predecessor(es). A Grande Cadeia do Ser é de fato o Grande Ninho do Ser – não uma escada, corrente ou hierarquia de sentido único, mas uma série de esferas concêntricas de crescente abraço holístico. O Grande Ninho do Ser é uma holarquia, composta de hólons, um *desenvolvimento* que é *envolvimento*. E as características profundas desse desenvolvimento, foram consideradas, pelo menos em alguns aspectos significativos, como estabelecidas na involução.

Isto, naturalmente, levanta a espinhosa questão: visto que as principais dimensões da existência são estabelecidas na involução, a evolução é um curso de ação completamente determinado? Os níveis mais elevados (ou estruturas ou hólons ou estágios) são dados como Formas

Platônicas prontas para cair do céu ao ocorrer determinada causa ou condição?

A maioria dos tradicionalistas – como Huston Smith, Frithjof Schuon e Ananda Coomaraswamy – responderia com um vigoroso "sim". Mas essa parte da "filosofia perene" é algo com o qual eu nunca poderia concordar (esta é uma das razões pelas quais escrevi "The Neo-Perennial Philosophy", substituindo seu princípio central de Formas Platônicas estáticas por um panenteísmo evolucionário). Como a maioria dos estruturalistas, os tradicionalistas acreditavam em Formas a-históricas, completamente pré-dadas, intocadas pelo tempo, história ou evolução. Eu, por outro lado, acreditava que havia de fato um arco involucionário, mas tudo o que ele "predeterminava" eram alguns potenciais muito genéricos para o desenvolvimento evolucionário.

Dizer que matéria, corpo, mente, alma e Espírito são potenciais evolucionários é dizer, ao mesmo tempo, muito e não muito. Com os tradicionalistas, concordo que esses domínios superiores de ser (ou estados superiores de consciência) são potenciais que estão disponíveis a qualquer momento em que consigamos abrir nossos olhos suficientemente. E a razão de eles estarem disponíveis em algum grau é a involução: todos esses potenciais foram disponibilizados durante o efluxo ou *involução*, quando o Espírito transbordou para criar os domínios da alma, mente, corpo e matéria, domínios que aguardam redescoberta por qualquer um e todos os que conseguem transcender o mais raso encontrando o mais profundo.

Por exemplo, indivíduos que têm uma intensa experiência religiosa, satori ou iluminação, quase sempre relatam que estão simplesmente redescobrindo algo que eles já conheciam (na eternidade), mas esqueceram (no tempo). A experiência mística profunda sempre traz a sensação de "voltar para casa", e nunca a sensação de tropeçar em algo completamente desconhecido. A esse respeito, Platão estava certo: esse tipo de conhecimento espiritual é uma recordação, não uma invenção. E nos recordamos de nossos estados superiores porque eles já estão lá, como potenciais, aguardando a redescoberta (uma redescoberta de algo que possuíamos, não na infância, mas nas profundezas do momento atemporal). Nesse sentido específico, então, precisamos com certeza de um conceito de involução para sermos fiéis à evidência fenomenológica da experiência espiritual.

Mas isso *não* significa que tudo sobre a evolução é estabelecido na involução, de modo que a evolução nada mais seja do que um retrocesso da fita de vídeo, por assim dizer. No máximo, certas características profundas dos domínios principais são dadas pela involução como potenciais, mas todas as características superficiais são criadas, moldadas e formadas por correntes históricas e forças evolucionárias. Nesse sentido, certas características profundas são lembradas, mas as características superficiais são aprendidas. (E, como expliquei previamente, acho que mesmo as características profundas dos hólons são parcialmente moldadas pelos poderes formativos do tempo. Digo "parcialmente", porque se elas fossem totalmente formadas por pressões evolucionárias, ainda teríamos de explicar a formação das próprias pressões evolucionárias, o que exigiria, pelo menos, algumas forças que não provieram da evolução.) Em outras palavras, o Espírito não é, de forma alguma, uma máquina determinística, mas sim um Ser organicamente lúdico, cujo próprio esporte e brincadeira (*lila*) inclui o maravilhoso jogo da "surpresa" em cada mudança possível, minando o determinismo como toda criatividade faz.

Assim, penso na involução com a analogia de um elástico: estique-o, e você terá a involução, que fornece uma força (a saber, Eros) que irá puxar as duas extremidades do elástico (matéria e espírito), tendendo a juntá-las novamente – em outras palavras, uma força involucionária que impelirá a evolução.[7] Mas a rota real seguida nesse retorno, e toda sua maravilhosa variedade, é uma cocriação de cada hólon e das correntes de Eros nas quais ele flutua fluidicamente.

Agora, é claro, você é perfeitamente livre para acreditar na evolução e rejeitar a noção de involução. Acho essa posição incoerente; não obstante, você ainda pode aceitar tudo nas páginas seguintes sobre a evolução da cultura e da consciência, e rejeitar ou manter-se agnóstico quanto à involução. Porém, a noção de uma força involucionária prévia ajuda muito com os enigmas, de outra forma impenetráveis, da evolução darwiniana, que tentou, sempre sem sucesso, explicar por que o barro da terra ascendeu e, finalmente, começou a escrever poesia. Mas a noção de

[7] Mais tecnicamente, uma força involucionária (Ágape) que puxará a evolução de cima enquanto sua própria força autotranscendente (Eros) a empurra de baixo. Neste relato, estou simplificando para apenas Eros como o depositário do Espírito-em-ação. Ver *Sex, Ecology, Spirituality* para um relato detalhado da importância tanto de Ágape (descendo) quanto de Eros (subindo) na evolução e desenvolvimento.

evolução como Eros, ou Espírito-em-ação, atuando em todo o mundo, como disse Whitehead, por persuasão gentil em direção ao amor, ajuda muito a explicar o inevitável desdobramento da matéria em corpos, em mentes, em almas, até o próprio Autorreconhecimento do Espírito. Eros, ou Espírito-em-ação, é um elástico em volta do seu pescoço e do meu, puxando-nos de volta para casa.